

O campo e o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia no Brasil

Cristiano das Neves Bodart

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-mail:

cristianobodart@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um balanço dos avanços recentes no campo do Ensino de Sociologia no Brasil, com ênfase em seu subcampo de pesquisa. A partir da análise de um conjunto de investigações, é apresentada a composição dessas esferas sociais, destacando suas estruturas, os agentes que nelas atuam e os capitais simbólicos que nelas são valorizados. É evidenciado o crescimento da produção acadêmica, a criação de periódicos especializados, a realização de eventos científicos e a articulação de redes de pesquisadores. No entanto, persistem desafios como a concentração da produção em poucos autores, desigualdades regionais na distribuição dos grupos de pesquisa e a baixa inserção internacional do subcampo, bem como a necessidade de maior imbricação entre o espaço acadêmico e escolar.

Palavras-chave: Campo. Subcampo. Ensino de Sociologia. Brasil.

Introdução

Nas últimas duas décadas, o Ensino de Sociologia¹ no Brasil tem passado por um processo de consolidação e expansão, impulsionado por mudanças curriculares, avanços na formação docente e o crescimento da produção acadêmica voltada para essa área. A obrigatoriedade da disciplina no ensino médio, instituída em 2008,

¹ É relevante destacar que adotamos a grafia maiúscula para "Ensino" com o propósito de diferenciá-lo de uma acepção estritamente vinculada à prática docente. Embora o termo "Educação" pudesse ser conceitualmente mais abrangente, o uso de "Ensino" está consolidado na literatura da área. Sua substituição exigiria uma problematização mais extensa, o que não é o objetivo deste trabalho. Dessa forma, empregamos "Ensino" para abarcar não apenas a atividade docente, mas também aspectos como currículo, formação de professores, condições de trabalho, produção científica, programas e políticas públicas, entre outros elementos estruturantes do campo.

representou um marco para sua institucionalização, intensificando a demanda por professores especializados, materiais didáticos e investigações sobre suas práticas pedagógicas. No entanto, esse avanço não ocorreu sem desafios, uma vez que a presença da Sociologia no currículo tem sido alvo de disputas políticas e acadêmicas, bem como de sucessivas tentativas de redução de sua carga horária ou exclusão da matriz curricular.

Diante desse cenário, emerge uma esfera social denominada por diversos pesquisadores, tais como Bodart e Cigales (2017), Pereira (2019), Mocelin (2020) e Oliveira (2023), de campo do Ensino de Sociologia. Buscamos aqui demonstrar que esse campo não se restringe à prática docente, mas abarca questões mais amplas, como a formulação curricular, as políticas educacionais, a produção de materiais didáticos e a formação de professores. Dentro desse espaço mais amplo, observa-se o desenvolvimento de um subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia, caracterizado pela sistematização teórica e metodológica sobre a disciplina e por disputas acadêmicas em torno da legitimação desse conhecimento no campo científico.

Este artigo tem como objetivo apresentar um conjunto de elementos constituintes do campo do Ensino de Sociologia e de seu subcampo de pesquisa, destacando suas estruturas, os agentes que nele atuam e os capitais simbólicos que circulam nesse espaço. A partir de uma abordagem bourdieusiana, busca-se compreender como esse subcampo vem se institucionalizando no Brasil, quais são seus principais desafios e como se estruturam as redes de pesquisadores dedicados ao tema. Para tanto, são examinadas as transformações ocorridas nas últimas décadas relacionadas ao Ensino de Sociologia.

Na primeira parte do artigo, buscamos destacar os elementos constitutivos do campo do Ensino de Sociologia. Na segunda parte, concentramos a análise em dados recentes provenientes de um conjunto de pesquisas que desenvolvi nos últimos anos, além de contribuições de outros pesquisadores que têm colaborado para o avanço da área. O objetivo é oferecer um panorama do subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia no Brasil, esboçando sua configuração e principais dinâmicas.

Ao refletir sobre a consolidação desse subcampo, o artigo contribui para um debate fundamental sobre os rumos da Sociologia como disciplina escolar e sua inserção no campo educacional e acadêmico. Compreender suas dinâmicas e disputas é essencial para fortalecer sua presença no ensino médio e qualificar as pesquisas sobre a área, garantindo maior reconhecimento institucional e ampliando seu impacto na formação cidadã dos estudantes.

1. O campo do Ensino de Sociologia no Brasil

Por “campo de Ensino de Sociologia”, entendemos a esfera social composta por um conjunto de estruturas, agentes e produtos que orbitam em torno da Sociologia escolar. Trata-se de uma abstração, orientada por uma perspectiva bourdieusiana (Bourdieu, 2001)². Esse campo configura-se como uma comunidade ampla, porém convergente, formada por diferentes agentes sociais, incluindo professores de Sociologia da educação básica, estudantes do ensino médio, licenciandos em Ciências Sociais/Sociologia, pesquisadores do Ensino de Sociologia e produtores de recursos didáticos. Além disso, engloba espaços e instituições dedicadas à formação docente, à regulamentação curricular e à implementação da disciplina na escola.

O campo do Ensino de Sociologia abrange tanto as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas quanto as disputas acadêmicas e políticas em torno de sua presença no currículo. Do ponto de vista analítico, essa concepção reforça a ideia de que o Ensino de Sociologia não se restringe à prática docente, mas configura um espaço social dinâmico, no qual ocorrem colaborações, disputas por reconhecimento, processos de legitimação da disciplina e influência sobre políticas educacionais.

Nesse mesmo sentido, Oliveira (2023) delinea de maneira abrangente a constituição desse campo, seus agentes e as disputas que o atravessam. Segundo o autor, essa esfera social tem desempenhado um papel relevante na produção de

² Por opção, não destacaremos as bases teóricas que orientam as reflexões aqui realiza. Para isso, ver Bodart (2024a; 2024b; 2024c).

formas específicas de socialização, contribuindo para a internalização de determinadas estruturas sociais e a formação de disposições duráveis.

Segundo Mocelin (2020), esse campo adquire certo grau de autonomia à medida que se consolida uma trajetória de ocupação de espaços e uma narrativa estruturante, ainda que intermitente, que orienta e articula as ações de diferentes agentes, impulsionando movimentos de expansão, organização e acúmulo de experiências.

Com base nessa conceituação, pode-se afirmar que o campo do Ensino de Sociologia expandiu-se significativamente no Brasil nas últimas duas décadas. Embora a disciplina tenha integrado o currículo oficial do ensino secundário no final do século XIX, sua presença foi intermitente e fragmentada ao longo do século XX. Entre 1925 e 1942, esteve presente no currículo ginasial, retornando gradativamente nos anos 1980 (Azevedo, 2014) e tornando-se obrigatória em todo o ensino médio brasileiro apenas em 2008. Durante esse período, sua presença foi difusa, seja com seus conteúdos diluídos em outras disciplinas das Ciências Humanas, seja como Sociologia da Educação nos cursos secundários de formação de professores alfabetizadores.

Nas últimas décadas, mesmo no período de obrigatoriedade, a disciplina enfrentou – e continua enfrentando – ameaças de retirada do currículo obrigatório ou de redução de sua carga horária (Bodart; Feijó, 2020). A Sociologia ensinada no ensino médio brasileiro tem como referência três disciplinas fundamentais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política, conforme evidenciado por Bispo (2012) em sua análise dos currículos de 14 estados brasileiros.

De acordo com o Censo Escolar de 2022 (INEP, 2023), o Brasil contava com 46.856 professores de Sociologia e um total de 7.877.394 estudantes matriculados no ensino médio, sendo 6,6 milhões (84,2%) na rede estadual, 232 mil (3%) na rede federal e aproximadamente 971,5 mil (12,3%) na rede privada. Esse contingente não apenas representa um público essencial para a difusão da Sociologia, mas também constitui a base de futuros ingressantes nos cursos superiores de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais.

A obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio, a partir de 2008, gerou uma demanda crescente por professores da disciplina, o que impulsionou a criação e ampliação de cursos de licenciatura em Ciências Sociais e Sociologia. Segundo o Sistema do Ministério da Educação (e-MEC)³, há 144 cursos de Ciências Sociais em funcionamento, sendo 107 presenciais e 37 ofertados na modalidade de Educação a Distância (EaD). Além disso, existem 61 cursos de licenciatura em Sociologia, dos quais 29 são presenciais e 32 ofertados na modalidade EaD.

Outro aspecto determinante para o fortalecimento do campo foi a inclusão da Sociologia no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em 2012. Essa medida permitiu a distribuição gratuita de livros didáticos para estudantes da rede pública. Embora o programa fosse voltado ao público discente, ele também contribuiu para a qualificação da prática docente, fornecendo materiais que estruturaram os conteúdos ensinados e ofereceram diretrizes pedagógicas por meio dos manuais do professor.

No mesmo ano, foi fundada a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, que reúne estudantes de licenciatura em Ciências Sociais, professores de Sociologia da educação básica e superior e pesquisadores do tema, promovendo diversas atividades, com destaque para o Congresso Nacional bienal. Tal instituição ocupa um espaço político e acadêmico relevante no país para a qualificação e resistências aos ataques sofridos pelo ensino de Sociologia (Pereira, 2017), congregando agentes sociais que continuam a atuar junto à Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), ou mesmo a outras sociedades científicas como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) (Oliveira e Cigales, 2019). Não vamos aqui recuperar seu histórico, mas é importante destacar que esta entidade surgiu no campo acadêmico em um momento de maior receptividade aos professores da educação básica e ao tema do ensino de Sociologia, ainda que de forma insuficiente.

³ Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>

A formação de professores de Sociologia tem sido impulsionada pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que auxilia na permanência estudantil e na aproximação dos docentes de Ciências Sociais ao ambiente escolar. Esse programa oferece bolsas de incentivo financeiro, promovendo uma maior articulação entre teoria e prática no ensino de Sociologia. Tais bolsas vêm contribuindo para a ampliação do interesse de professores universitários a atuarem mais próximos ao chão das escolas.

As diretrizes para a formação de professores, aprovadas nas últimas décadas, também influenciaram a aproximação dos cursos de licenciatura com a realidade escolar e com temáticas educacionais. A Resolução Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 2/2015, por exemplo, levou diversos cursos de licenciatura em Ciências Sociais a integrarem a formação específica com a formação docente. Como resultado, o tradicional modelo "3 + 1", no qual os estudantes cursavam três anos de disciplinas específicas e posteriormente cumpriam um ano adicional de formação pedagógica – geralmente desconectada do curso original –, foi progressivamente substituído por cursos de licenciatura integralmente estruturados. Essa mudança reduziu o caráter estritamente acadêmico desses cursos e fortaleceu sua identidade formativa para o magistério.

Apesar desses avanços, o Ensino de Sociologia continua sendo alvo de tentativas de exclusão do currículo obrigatório, como ocorreu com a Lei nº 13.415/2017, conhecida como Reforma do Ensino Médio de 2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). No entanto, essa reforma foi alterada em 2024 pela Lei nº 14.945/2024 (Brasil, 2024), que, a despeito das poucas mudanças, reafirmou a presença da Sociologia como componente curricular obrigatório no ensino médio.

Em 2019, foi aprovada a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) (Brasil, 2019), cujas diretrizes contrastam com a Resolução CNE nº 2/2015, pois enfatizam uma formação docente baseada na repetição de práticas em detrimento da interseção entre teoria e prática (Bazzo; Scheibe, 2019).

Outro retrocesso ocorreu em 2022, quando o PNLD deixou de selecionar livros disciplinares para os estudantes e passou a distribuir materiais organizados por área

de conhecimento, impactando negativamente o ensino de Sociologia, cuja formação docente é essencialmente disciplinar. Esse modelo foi amplamente criticado e, por isso, reformulado, retornando ao formato disciplinar, cujos livros – atualmente em processo de seleção – serão distribuídos em 2026.

Além disso, o encerramento do Programa Residência Pedagógica representou uma perda significativa para a qualificação da formação docente e a permanência dos estudantes nos cursos. Esse programa beneficiava licenciaturas em Ciências Sociais das universidades públicas, proporcionando bolsas para estudantes, coordenadores e professores da educação básica que os recebiam nas escolas.

Esse panorama é essencial para compreender a ampliação dos agentes sociais envolvidos com o Ensino de Sociologia e sua consolidação como objeto de pesquisa, possibilitando a identificação de um subcampo específico dentro dessa área, que será abordado na seção seguinte.

2 O subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia no Brasil

O “subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia”, como entendemos, constitui-se - sob uma perspectiva bourdieusiana (Bourdieu, 2001) - em um recorte analítico do “campo do Ensino de Sociologia”, sendo apenas uma fração deste, mas com uma lógica de funcionamento diferente, ainda relacionado e dependente dele. O subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia tem sido descrito como uma esfera mais restrita desse universo, composta especificamente pelos agentes e estruturas vinculadas ao meio científico. Esse subcampo tem como característica principal a sistematização teórica e metodológica sobre o Ensino da disciplina, abordando temas como currículo, formação docente, práticas pedagógicas e políticas educacionais.

O subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia não apresenta uma autonomia completa em relação ao campo do Ensino de Sociologia, mas possui uma lógica própria de funcionamento, com regras e disputas internas por reconhecimento acadêmico. Os pesquisadores que atuam nesse espaço buscam acumular capital científico puro (mas não só), o que se manifesta na publicação de livros, artigos,

capítulos de livros, organização de dossiês temáticos, na participação em eventos científicos especializados - especialmente como palestrantes - na coordenação de grupos de trabalho (GTs), na obtenção de bolsas de pesquisas e vínculo com a Pós-Graduação e outros “produtos” científicos.

Embora o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia apresente forte relação como o campo do Ensino de Sociologia, mantendo uma interdependência, o subcampo acadêmico influencia o debate e a formulação de políticas sobre o ensino da disciplina, o campo mais amplo do Ensino de Sociologia impacta diretamente os temas e as problemáticas que os pesquisadores do subcampo investigam. Muitos dos agentes que atuam buscando distinção no Subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia, também o fazem no campo do Ensino de Sociologia, sendo alguns deles, por exemplo, autores de livros didáticos ou obras pedagógicas (Oliveira, 2023). A busca por distinção em ambos os recortes da esfera social se dá pela considerável aproximação entre o campo acadêmico e o escolar relacionados ao ensino de Sociologia (Oliveira, 2023), o que se vê facilmente nos congressos especializados, nos quais participam profissionais do ensino superior e da educação básica. Outra aproximação, notamos, ocorre pela participação dos pesquisadores em disputas por definições curriculares e na participação do PNLD como avaliadores dos livros de Sociologia.

O Subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia conta com um conjunto de elementos estruturais que evidencia seu processo de constituição e fortalecimento. Atualmente, no Brasil há três periódicos especializados no ensino de Sociologia, além de outras revistas acadêmicas que publicam sistematicamente artigos sobre o tema, como a Revista Café com Sociologia⁴. Curiosamente, esses três periódicos estão vinculados a diferentes tipos de instituições que compõem o campo do Ensino de Sociologia: universidades, escolas e entidades científicas.

Os Cadernos da Associação Brasileira do Ensino de Ciências Sociais⁵, fundado em 2017, por exemplo, é gerida pela Associação Brasileira do Ensino de Ciências

⁴ Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista>

⁵ Disponível em: <http://cabecs.com.br/index.php/cabecs/index>

Sociais (Abecs), refletindo a participação de uma entidade científica na consolidação desse campo. Já a Perspectiva Sociológica⁶ está vinculada ao Colégio Pedro II, representando a atuação de instituições escolares na produção e disseminação do conhecimento. Por sua vez, a revista Ensino de Sociologia em Debate⁷ é editada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e se vincula a um curso de especialização em Ensino de Sociologia, demonstrando o papel das universidades na pesquisa e na formação de professores da área.

Esses periódicos representam um avanço significativo para a difusão das pesquisas no campo do Ensino de Sociologia. Além das revistas acadêmicas, a Editora Café com Sociologia⁸, criada em 2019, tem desempenhado um papel central na divulgação científica da área, concentrando hoje o maior volume de livros publicados sobre o tema, entre os quais se destaca o Dicionário do Ensino de Sociologia (Brunetta; Bodart; Cigales, 2020). Essa obra, que contou com a colaboração de 84 pesquisadores, “[...] oferece-nos uma imagem das pesquisas acadêmicas sobre o trabalho pedagógico [e de pesquisa] na disciplina escolar de Sociologia” (Schnekenberg, 2020, p. 154).

Outros elementos constituintes do subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia são dois eventos nacionais bienais especializados na área: o Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (Eneseb), organizado pela Sociedade Brasileira de Sociologia, e o Congresso Nacional da Abecs, promovido por essa entidade. O Eneseb terá sua nona edição em 2025, enquanto o Congresso Nacional da Abecs realizou sua sexta edição em 2024. Esses eventos desempenham um papel fundamental na divulgação científica e no fortalecimento das redes de pesquisadores, funcionando também como ponto de partida para a publicação de coletâneas e dossiês temáticos em periódicos acadêmicos. Além disso, como destacou Oliveira (2023), o Eneseb tornou-se espaço próprio de consagração dos agentes inseridos do campo do Ensino de Sociologia.

⁶ Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/index>

⁷ Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/>

⁸ Disponível em: <https://www.editoracafecomsociologia.com/>

O surgimento do Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), representa um avanço significativo na qualificação docente e na pesquisa sobre o ensino de Sociologia, o qual propiciou a criação do Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio) voltado para a formação continuada de professores (Oliveira e Cigales, 2019). Nas últimas décadas diversos programas de pós-graduação *stricto sensu* têm recepcionado pesquisas sobre o ensino de Sociologia; diversos estudos têm se dedicado à análise das teses e dissertações desses programas, investigando o volume de produções, os temas abordados, o perfil dos/as autores/as e os programas de pós-graduação aos quais estão vinculados. Entre esses estudos, destacam-se as pesquisas de Handfas (2013), Bodart e Cigales (2017) e Antunes, Garcia e Alves (2018). Essas análises apontam um aspecto fundamental: a ampliação significativa dessa produção acadêmica, especialmente a partir de 2008, quando a Sociologia tornou-se disciplina obrigatória no ensino médio.

Em 2020, foram identificados pelo menos 21 laboratórios de ensino de Sociologia dedicados à pesquisa e à formação docente (Pereira, 2020). Geralmente vinculados a projetos de extensão, esses laboratórios têm como objetivo aproximar os futuros professores do ambiente escolar e das questões que envolvem o ensino de Sociologia, além de serem espaços importantes de pesquisas empíricas. Essa dinâmica evidencia a forte imbricação entre o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia e sua esfera social mais ampla, o campo do Ensino de Sociologia.

No Brasil, boa parte das pesquisas são derivadas de grupos de pesquisas registrados no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), isso porque, em muitos casos, os financiamentos ficam condicionados a tal registro. Bolsas de pesquisas para estudantes da graduação distribuídas por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) são exemplo dessa vinculação. Deste modo, o número de grupos sobre um certo tema pode indicar uma ampliação ou redução de um subcampo de pesquisa. Com base neste pressuposto, foi realizado (Bodart, Santos e Nascimento, 2024) uma análise dos grupos de pesquisa registrados no Diretório do CNPq em 2023, com foco

no Ensino de Sociologia. Os dados obtidos revelaram um crescimento significativo do número de grupos nos últimos anos. Foram identificados 28 grupos de pesquisa com linhas de investigação ou palavras-chave diretamente relacionadas ao Ensino de Sociologia. Esse número representa um aumento expressivo em relação ao levantamento anterior, realizado por Neuhold em 2014, que apontava apenas 13 grupos (Bodart, Santos e Nascimento, 2024). Esse crescimento evidencia uma maior institucionalização do subcampo, refletindo o aumento da produção científica e do interesse acadêmico pela área, especialmente após a obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio em 2008.

A análise da distribuição territorial dos grupos de pesquisa mostrou uma concentração significativa nas regiões Sul e Sudeste, enquanto o Nordeste, apesar de possuir um número expressivo de cursos de licenciatura em Ciências Sociais, ainda apresenta uma presença tímida de grupos formalmente registrados. Esse dado sugere que, embora a produção acadêmica sobre o Ensino de Sociologia tenha se ampliado no país, a consolidação dos grupos de pesquisa ocorre de maneira desigual, reforçando desigualdades regionais já observadas em outros estudos sobre a produção acadêmica brasileira.

Outro aspecto relevante identificado foi a composição dos pesquisadores vinculados a esses grupos de pesquisa. A pesquisa revelou uma predominância de doutores em Sociologia ou Ciências Sociais, o que evidencia um alinhamento do subcampo com a área mais ampla das Ciências Sociais, ainda que a Educação também apareça como uma esfera formativa relevante. Além disso, observou-se um relativo equilíbrio de gênero entre os pesquisadores, com uma leve predominância masculina na liderança dos grupos. No entanto, a análise da produção científica revelou que a publicação de artigos sobre o Ensino de Sociologia está mais concentrada entre alguns poucos pesquisadores, o que pode indicar desafios para a diversificação da autoria e para a ampliação da rede de pesquisadores ativos na área.

Um ponto de destaque da pesquisa (Bodart, Santos e Nascimento, 2024) foi a ausência de colaborações internacionais formais nos grupos analisados. Esse dado

sugere que o Ensino de Sociologia ainda se configura como um subcampo predominantemente nacional, sem uma inserção consolidada em redes internacionais de pesquisa. Essa característica pode representar um entrave para o fortalecimento do subcampo, considerando a importância da circulação do conhecimento e do intercâmbio acadêmico para a consolidação de áreas emergentes. Os resultados apontam, portanto, que o Ensino de Sociologia tem se consolidado como um espaço legítimo de produção acadêmica, com um número crescente de pesquisadores e grupos dedicados ao tema. No entanto, desafios persistem, especialmente no que se refere à distribuição regional dos grupos, à diversificação da autoria, ao fortalecimento das redes de colaboração e à internacionalização do subcampo. A continuidade desse crescimento dependerá da capacidade dos pesquisadores em expandir os espaços institucionais, ampliar a participação de novos agentes e estabelecer conexões mais amplas, tanto no cenário nacional quanto internacional.

Em outra pesquisa recente que conduzi (Bodart, 2024a) busquei examinar a produção científica no subcampo do Ensino de Sociologia no Brasil, o que revelou um crescimento recente, mas com características de forte concentração tanto em relação à autoria quanto ao *locus* de publicação. Como destacado por Oliveira (2023) a produção de artigo, além de teses e dissertações sobre o Ensino de Sociologia, tornou-se recurso de legitimação social, por isso, tornou-se tão importante na compreensão desse subcampo. A análise bibliométrica que realizei (Bodart, 2024a) indicou que, apesar do aumento no número de artigos publicados, essa expansão não ocorreu de maneira homogênea, evidenciando uma distribuição desigual da produtividade entre os pesquisadores e os periódicos acadêmicos. Os dados levantados mostram que a maior parte dos artigos foi produzida por um número reduzido de autores. Entre os 1.102 pesquisadores identificados, 83,01% publicaram apenas um artigo sobre o tema. Por outro lado, apenas 7% dos autores publicaram três ou mais artigos, indicando que a continuidade da produção científica sobre o Ensino de Sociologia está fortemente concentrada em um pequeno grupo de pesquisadores. Essa concentração autoral pode ser explicada, em parte, pelas condições institucionais de pesquisa, visto que os autores mais produtivos

estão, em sua maioria, vinculados a programas de pós-graduação e universidades, onde há maior incentivo e demanda pela publicação acadêmica.

Nesta mesma pesquisa (Bodart, 2024a) ficou evidenciado que a distribuição dos artigos entre os periódicos também reforça a ideia de concentração no subcampo de Pesquisa do Ensino de Sociologia. Embora 205 periódicos tenham publicado ao menos um *paper* sobre o tema, 96% dessas revistas publicaram apenas um artigo, e um número muito reduzido de periódicos foi responsável por grande parte das publicações. Outro aspecto evidenciado está no fato de que os dossiês têm se mostrado uma estratégia relevante para a visibilidade do tema ensino de Sociologia (Oliveira, 2023).

Essa forte concentração autoral e editorial pode ser vista como um indicativo de fragilidade do subcampo, uma vez que sua sustentação depende de um grupo restrito de pesquisadores e de poucos espaços de divulgação. Esse cenário pode gerar desafios para a consolidação do Ensino de Sociologia como um subcampo acadêmico autônomo, limitando sua diversificação e o ingresso de novos pesquisadores. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o Ensino de Sociologia no Brasil tem se afirmado como um subcampo de investigação, mas com uma configuração ainda marcada por desigualdades no acesso à produção e à publicação acadêmica. Nos parece que o futuro desse subcampo dependerá da capacidade de ampliar seus espaços institucionais, incentivar a participação de novos pesquisadores e garantir maior equilíbrio na distribuição da produtividade acadêmica, evitando que a pesquisa sobre o tema fique restrita a um pequeno grupo de especialistas e a um número limitado de periódicos.

Ainda se tratando dos agentes que estão a “jogar o jogo” do subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia, encontramos algumas análises interessantes em relação a contribuição das mulheres para o desenvolvimento científico dessa esfera. Em outra pesquisa que conduzi recentemente (Bodart, 2024b) analisei a participação das mulheres no subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia, utilizando abordagens cienciométricas e a Teoria dos campos de Pierre Bourdieu. O estudo evidenciou que, embora as mulheres sejam numericamente predominantes na

produção acadêmica sobre o Ensino de Sociologia, elas ainda enfrentam desafios estruturais que limitam seu reconhecimento e acesso a recursos institucionais.

Os dados desta pesquisa (Bodart, 2024b) revelaram que as pesquisadoras representam a maioria na autoria de *papers* sobre o Ensino de Sociologia, correspondendo a 56,63% do total de publicações identificadas. Essa predominância se mantém ao longo do tempo, tanto no período inicial de formação do subcampo, até 2012, quanto entre 2013 e 2023. No entanto, a análise da produtividade individual indica que os pesquisadores homens ainda concentram uma parcela significativa dos artigos mais citados e publicam em maior volume, como evidenciado em outra pesquisa já mencionada (Bodart, 2024a). Apenas duas mulheres figuram entre os dez pesquisadores mais produtivos do subcampo, revelando uma desigualdade na distribuição da autoria de impacto.

Apesar dessa forte presença feminina na produção de conhecimento, a pesquisa evidencia que as mulheres enfrentam obstáculos institucionais que limitam seu reconhecimento acadêmico. Um exemplo disso é a menor presença de pesquisadoras entre os bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. Nenhuma das principais autoras identificadas no estudo recebeu esse tipo de financiamento, um reflexo das dificuldades enfrentadas por mulheres no acesso a recursos que conferem maior prestígio e continuidade na pesquisa (Bodart, 2024a), dado que se insere em um cenário mais amplo da ciência brasileira, onde as mulheres representam uma proporção menor entre os bolsistas de alto nível, mesmo quando sua produtividade acadêmica é equivalente à dos homens. Não podemos perder de vista que “o poder propriamente universitário só pode ser acumulado e mantido à custa de um gasto constante, e importante, de tempo” (Bourdieu, 2017) e, nesse contexto, as mulheres acabam tendo maiores dificuldades - se comparada aos homens -, seja pela imposição social de tarefas familiares e domésticas, seja por conta de eventuais licenças maternidade, o que lhes dificulta manter uma

produção constante, mas, especialmente, pela ausência de políticas acadêmicas que promovam a equidade de gênero ⁹.

Outro aspecto relevante da pesquisa é a análise da colaboração entre pesquisadoras. A maioria dos artigos escritos por mulheres são assinados individualmente ou em parceria com pesquisadores homens, sendo raras as redes de coautoria exclusivamente femininas. No geral, a estrutura de colaboração no subcampo não reflete um fortalecimento das redes entre pesquisadoras, dificultando a consolidação de um espaço de maior protagonismo feminino e fortalecimento do capital social entre elas.

Os resultados apontam que, embora as mulheres tenham um papel central na produção de conhecimento sobre o Ensino de Sociologia, elas ainda encontram barreiras simbólicas e institucionais para alcançar maior reconhecimento acadêmico. O estudo sugere que a permanência dessas desigualdades está relacionada à estrutura do campo científico, que historicamente privilegia trajetórias masculinas e impõe dificuldades adicionais para que as mulheres acessem os espaços de maior prestígio e financiamento.

Diante desse cenário, a pesquisa (Bodart, 2024a) reforça a necessidade de políticas de equidade de gênero no meio acadêmico, incluindo a ampliação do financiamento para pesquisadoras, a promoção de redes de colaboração entre mulheres e o fortalecimento de mecanismos institucionais que valorizem suas contribuições. Somente com a superação dessas barreiras será possível garantir que a participação das mulheres no subcampo do Ensino de Sociologia seja refletida não apenas em sua produção quantitativa, mas também em seu reconhecimento e valorização dentro do campo científico.

⁹ Um caso emblemático, amplamente divulgado no Brasil em 2023, foi a recusa da solicitação de bolsa de produtividade por uma pesquisadora, cujo parecer negativo questionava a interrupção de sua produção acadêmica decorrente da licença-maternidade. Após o caso ganhar repercussão, o CNPq mudou a regra, determinando que haja uma ampliação de dois anos, por cada parto ou adoção, no período de produtividade analisado.

No que se refere às redes de coautoria, realizei uma pesquisa (Bodart, 2024c) em que analisei as redes de colaboração autoral no Ensino de Sociologia, com o objetivo de identificar microrredes de pesquisadores e seus principais agentes de conexão. Também utilizando uma abordagem baseada no conceito de capital social de Pierre Bourdieu e em métodos de análise de redes de coautoria, mapeei a estrutura das interações acadêmicas e evidenciei a constituição das conexões entre os pesquisadores que atuam no subcampo do Ensino de Sociologia.

Os resultados indicaram que há um conjunto de microrredes interligadas que compõem uma rede maior, sendo que alguns poucos pesquisadores desempenham papel central na articulação dessas conexões (Bodart, 2024c). A formação dessas microrredes está associada a fatores como proximidade institucional, participação em eventos científicos especializados e atuação em publicações acadêmicas voltadas para o Ensino de Sociologia. Foi identificado que os pesquisadores mais ativos em coautorias também costumam estar envolvidos na coordenação de grupos de trabalho em congressos e na gestão de periódicos acadêmicos, o que lhes confere um papel de dinamizadores dentro do subcampo, ao mesmo tempo que ganham prestígio social, o que os leva a se envolverem ainda mais com o subcampo, como aponta Boudieu (2017; 2020) ao tratar das formas que animam os agentes sociais no campo acadêmico.

Outro achado relevante da pesquisa (Bodart, 2024c) é que a colaboração autoral ocorre de maneira desigual, concentrando-se em determinados núcleos e refletindo a distribuição assimétrica de capital social dentro da área. Alguns pesquisadores estabelecem redes mais amplas e diversificadas, enquanto outros mantêm colaborações restritas a poucos colegas. A pesquisa também aponta que as universidades públicas desempenham um papel importante na sustentação dessas redes, pois muitos dos pesquisadores mais influentes estão vinculados a programas de pós-graduação que incentivam a publicação e a cooperação acadêmica.

A ausência de uma estrutura mais descentralizada de colaboração pode representar um desafio para a expansão do subcampo do Ensino de Sociologia, pois a inserção de novos pesquisadores na rede parece depender de conexões prévias com

agentes já consolidados (Bodart, 2024c). Além disso, esse estudo sugere que a reprodução dessas redes de coautoria está diretamente relacionada à luta simbólica por reconhecimento acadêmico e à necessidade de acumulação de capital científico, tornando a participação nesses espaços um fator estratégico para a legitimação dos pesquisadores na área.

A consolidação dessas redes, embora tenha avançado nos últimos anos, ainda apresenta desafios relacionados à distribuição mais equitativa das oportunidades de colaboração e ao fortalecimento da autonomia do subcampo dentro do campo acadêmico mais amplo das Ciências Sociais (Bodart, 2024c).

A partir dos dados levantados até o momento sobre o campo do Ensino de Sociologia e o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia, podemos inferir que se trata de esferas sociais em processo de consolidação, nas quais ocorre a consagração de um grupo restrito de pesquisadores. No entanto, observa-se haver permeabilidade para a entrada de novos agentes e para a aquisição de legitimidade. Embora os espaços (campo e subcampo) não estejam completamente fechados, já se configuram regras e mecanismos específicos que dificultam a conversão de capitais acumulados em outros campos, assim como a introdução de *habitus* e normas provenientes de esferas externas.

Considerações finais

O campo do Ensino de Sociologia no Brasil - e seu subcampo de pesquisa - vêm passando por um processo contínuo de institucionalização e consolidação, especialmente nas últimas duas décadas. A obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio, estabelecida em 2008, impulsionou não apenas a formação docente e a produção de materiais didáticos, mas também a emergência de um espaço acadêmico voltado à pesquisa sobre o ensino da disciplina. Esse subcampo caracteriza-se por disputas em torno da legitimação do conhecimento produzido, articulações entre agentes acadêmicos e escolares, além de tensões políticas relacionadas à presença da Sociologia no currículo escolar.

As pesquisas recentes têm demonstrado um crescimento significativo da produção científica sobre o Ensino de Sociologia no Brasil, evidenciado pelo aumento de artigos, periódicos especializados, eventos científicos e grupos de pesquisa registrados no Diretório do CNPq. A presença de revistas acadêmicas dedicadas ao tema fortalece a difusão desse conhecimento. Além disso, o papel de eventos mostra-se central para a articulação da comunidade acadêmica e a construção de uma identidade científica para o subcampo.

No entanto, apesar dos avanços, persistem desafios estruturais que limitam a consolidação plena do subcampo. A distribuição desigual dos grupos de pesquisa pelo território nacional, com concentração nas regiões Sul e Sudeste, reflete disparidades históricas na academia brasileira. Além disso, a análise da produção científica revela uma forte concentração autoral, com poucos pesquisadores dominando a publicação de artigos e a organização de dossiês temáticos. A baixa inserção internacional da pesquisa sobre o Ensino de Sociologia também se apresenta como um obstáculo, restringindo as possibilidades de intercâmbio acadêmico e o reconhecimento desse subcampo no cenário global.

Outro aspecto relevante diz respeito à participação das mulheres na produção científica sobre o Ensino de Sociologia. Embora representem a maioria dos autores, as pesquisadoras ainda enfrentam barreiras institucionais para alcançar posições de maior prestígio acadêmico, evidenciando a necessidade de políticas que promovam maior equidade de gênero no campo científico. Além disso, a estrutura das redes de coautoria aponta para um padrão de colaboração desigual, no qual alguns pesquisadores desempenham papel central na articulação dos debates, enquanto outros permanecem à margem das principais redes de produção.

Este estudo reforça a importância da continuidade dos esforços para fortalecer o Ensino de Sociologia como campo de conhecimento científico e prática pedagógica. Apesar das conquistas recentes, a disciplina segue enfrentando desafios relacionados à sua permanência no currículo, à formação docente e à valorização de sua pesquisa acadêmica sobre o tema. A consolidação do subcampo dependerá da ampliação dos

espaços institucionais, da diversificação dos agentes envolvidos e do fortalecimento das articulações entre o meio acadêmico e a educação básica.

Chamamos a atenção para a necessidade de novas investigações a serem desenvolvidas. Estudos comparativos com outras realidades internacionais e com outros campos e subcampos de ensino de outras áreas de conhecimento (especialmente a Filosofia, por possuir características semelhantes quanto a obrigatoriedade recente na educação básica brasileira) podem ampliar a visibilidade da pesquisa sobre o Ensino de Sociologia no Brasil e favorecer colaborações acadêmicas. Além disso, analisar os fatores que limitam a presença de grupos de pesquisa fora dos grandes centros pode colaborar para a promoção de estratégias de redução dessas disparidades. Por fim, pesquisas que não limitem professores e estudantes da educação básica a meros objetos de análise, mas que os tornem coautores, pode contribuir para fortalecer o vínculo entre o subcampo de pesquisa e a realidade da educação básica.

Precisamos reconhecer e fortalecer, cada vez mais, a imbricação entre o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia e o campo do Ensino de Sociologia, avançando na direção proposta por Pereira (2022): fortalecendo a articulação entre a escola e o meio acadêmico, promovendo a consolidação de um espaço de interseção com características próprias, capaz de integrar a produção científica e a prática pedagógica.

Referências

- Antunes, K. C. V., Garcia, E. A. S., & Alves, A. F. A. (2018). O ensino de Sociologia retratado nas teses e dissertações entre 1996 e 2015: Um estado da arte. *CSOnline*, 28.
- Azevedo, G. C. de. (2014). *Sociologia no ensino médio: Uma trajetória político-institucional (1982-2008)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense].
- Bazzo, V., & Scheibe, L. (2019). De volta para o futuro... Retrocessos na atual política de formação docente. *Revista Retratos da Escola*, 13(27), 669–684.
- Bodart, C. N. (2024a). A (des)concentração da produtividade de papers científicos sobre o Ensino de Sociologia no Brasil. *Simbiótica*, 11, 11–34.
- Bodart, C. N. (2024b). As mulheres e o subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia. *Tensões Mundiais*, 20(44).

- Bodart, C. N. (2024c). Redes de colaboração autoral no Ensino de Sociologia: Identificando microrredes e agentes sociais. *Pro-Posições*, 35, e2024c1104BR.
- Bodart, C., & Cigales, M. P. (2017). Ensino de Sociologia no Brasil (1993-2015): Um estado da arte na pós-graduação. *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, 48, 256–281.
- Bodart, C. N., & Feijo, F. (2020). As Ciências Sociais no currículo do ensino médio brasileiro. *Revista Espaço do Currículo*, 13, 219–234.
- Bodart, C. N., Santos, F. C. M. dos, & Nascimento, V. M. da S. (2024). O Ensino de Sociologia no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2023). *Tensões Mundiais*, 20(44).
- Bourdieu, P. (2017). *Homo academicus* (2ª ed.). Editora UFSC.
- Bourdieu, P. (2021). *Sociologia geral. Vol. 2: Habitus e campo. Curso no Collège de France (1982-1983)*. Vozes.
- Brunetta, A. A., Bodart, C. N., & Cigales, M. P. (Orgs.). (2020). *Dicionário do ensino de Sociologia*. Editora Café com Sociologia.
- Handfas, A. (2013). O estado da arte do ensino de Sociologia na educação básica: Um levantamento preliminar da produção acadêmica. *Revista Inter-legere*, 13.
- Mocelin, D. G. (2020). O ensino de Sociologia e seu campo. In A. A. Brunetta, C. N. Bodart, & M. P. Cigales (Orgs.), *Dicionário do ensino de Sociologia* (pp. 57–62). Editora Café com Sociologia.
- Oliveira, A. (2023). *O campo do ensino de Sociologia no Brasil: Gênese, agentes e disputas*. Editora Café com Sociologia.
- Oliveira, A., & Cigales, M. (2019). O ensino de Sociologia no Brasil: Um balanço dos avanços galgados entre 2008 e 2017. *Revista Temas em Educação*, 28(2), 42–58.
- Pereira, T. I. (2017). Sociologia escolar e associações científicas: A ABECS como estratégia de luta. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, 1(2), 18–29.
- Pereira, L. H. (2020). O ensino de Sociologia e os observatórios de ensino. In A. A. Brunetta, C. N. Bodart, & M. P. Cigales (Orgs.), *Dicionário do ensino de Sociologia* (pp. 201–205). Editora Café com Sociologia.
- Pereira, T. I. (2022). A centralidade do campo do ensino de Ciências Sociais/Sociologia brasileiro: Notas para um debate crítico. *Cadernos da Associação Brasileira do Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, 6(2), 155–175.
- Schnekenberg, G. F. (2020). Dicionário do ensino de Sociologia: Retrato de uma área entre a escola e a universidade. *Revista Perspectiva Sociológica*, 26, 154–158.